



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

NIEDJANE BARBOSA DE FREITAS

**A RELEVÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA O ALUNO NO
CONTEXTO ESCOLAR**

**GUARABIRA- PB
2019**

NIEDJANE BARBOSA DE FREITAS

**A RELEVÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA O ALUNO NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Área de concentração:
Fundamentos da Educação e
Formação docente.

Orientadora: Prof. Espa. Rônia Galdino da Costa

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F862r Freitas, Niedjane Barbosa de.
A relevância das habilidades sociais para o aluno no contexto escolar [manuscrito] / Niedjane Barbosa de Freitas. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Habilidades Sociais. 2. Suzano. 3. Escola. I. Título
21. ed. CDD 371.102

NIEDJANE BARBOSA DE FREITAS

A RELEVÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA O ALUNO NO
CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Área de concentração:
Fundamentos da Educação e
Formação docente.

Aprovada em: 27/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa
Prof.^a Esp. Rônia Galdino da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Estevam Dedalus P. A. Mendes
Prof. Dr. Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sheila Gomes de Mélo
Prof.^a Me. Sheila Gomes de Mélo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha querida mãe, pelo
companheirismo, persistência e

dedicação por sempre estar do meu lado em todos os momentos da minha vida, DEDICO.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. COMO DEFINIR AS HABILIDADES SOCIAIS E OS COMPORTAMENTOS ASSERTIVOS, PASSIVOS E AGRESSIVOS NO CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL.....	8
2.1 Tipos de comportamentos.....	10
3. ESCOLA, FAMÍLIA E VIOLÊNCIA.....	12
4. SUZANO: UM OLHAR VIA PUBLICAÇÕES.....	15
4.1 A reflexão.....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

A RELEVÂNCIA DAS HABILIDADES SOCIAIS PARA O ALUNO NO CONTEXTO ESCOLAR

Niedjane Barbosa de Freitas¹

RESUMO

As Habilidades Sociais são um conjunto de comportamentos transmitidos, adquiridos e aprimorados ao longo da convivência e interação com diferentes contextos sociais. Sendo assim, uma capacidade de expressar sentimentos, ações e opiniões no desenvolvimento dos comportamentos assertivo, passivo e agressivo nos contextos social, escolar e familiar. Habilidades Sociais se fazem necessárias para o aluno no contexto escolar que se depare com vários desafios, tanto inter-relacionais quanto pessoais, e administrar tudo isso pode ser relevante diante do que presenciamos hoje através das mídias sociais e virtuais. Objetivamos promover uma reflexão sobre a relevância de um trabalho voltado para as Habilidades Sociais dos alunos inseridos no contexto escolar no caso em Suzano. A metodologia foi desenvolvida com base em pesquisas bibliográficas qualitativa analítica e um estudo de caso voltado para o acontecimento de Suzano-SP, em 13 de Março de 2019. Dialogamos com autores como Portella (2011), Del Prette e Del Prette (2003 e 2005). Desta forma, a pesquisa confirma a necessidade de visualizar temas como o Bullying e os diversos tipos de violência que são realidades nas escolas. Refletir também a necessidade de se desenvolver projetos e formular estratégias para saber como lidar com a raiva, estimulando assim um auto reconhecimento sobre a ação, mostrando a relevância de se trabalhar às Habilidades Sociais como ferramenta crucial na formação do caráter.

Palavras- chaves: Habilidades Sociais. Suzano. Escola.

ABSTRACT

Social Skills are a set of behaviors transmitted, acquired and improved through living and interacting with different social contexts. Thus, an ability to express feelings, actions and opinions in the development of assertive, passive and aggressive behaviors in social, school and family contexts. Social skills are necessary for the student in the school context that faces many challenges, both interrelational and personal, and managing all of these can be relevant to what we see today through social and virtual media. We aim to promote a reflection on the relevance of a work focused on the Social Skills of students inserted in the school context in the case in Suzano. The methodology was developed based on qualitative analytical bibliographic research and a case study focused on the event of Suzano-SP, on March 13, 2019. We dialog with authors such as Portella (2011), Del Prette and Del Prette (2003 and 2005). Thus, the research confirms

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: niedjaneuepb29@gmail.com.br

the need to visualize themes such as bullying and the various types of violence that are realities in schools. Also reflect the need to develop projects and formulate strategies to know how to deal with anger, thus stimulating a self-recognition about the action, showing the relevance of working with Social Skills as a crucial tool in character formation.

Keywords: Social Skills. Suzano. School.

1. INTRODUÇÃO

As Habilidades Sociais (HS) se definem como um conjunto de comportamentos transmitidos por um indivíduo no contexto interpessoal, expressando a capacidade que uma pessoa tem para reproduzir sentimentos, atitudes, desejos e opiniões, que nos ajudam a interagir bem com outros grupos nas situações do cotidiano.

Essas Habilidades são desenvolvidas ao longo de toda a vida. Desde a infância, de forma verbal e não verbal, começamos a criar mecanismos para perceber o outro e nos perceber e, a partir disso, interagir socialmente com diferentes comunidades e diversidades sociais.

Os comportamentos sociais são formados e estabelecidos em casa. É no convívio familiar que, ao nascer, já são atribuídos valores e ideais estabelecidos pelos pais ou por figuras consideradas responsáveis, cabendo a escola e aos jovens reconhecerem e formarem novas Habilidades Sociais. Contudo, a influência familiar no aprendizado dessas Habilidades é contínua.

Esse conjunto de Habilidades está relacionado às emoções que nos ajudam a viver e nos comunicarmos melhor com o outro, fortalecendo o autoconhecimento e se adequando aos comportamentos interpessoais, gerando, assim, um autocontrole e reconhecimento até onde somos capazes de ir. Tais Habilidades têm um grande impacto não só na convivência consigo mesmo, como também no espaço social em que habitamos.

A escola está constantemente vinculada às mídias por excessivos casos de violências com vandalismo, agressões, desestruturação familiar, bullying e massacres. Bernard Charlot (2002) diz que “se a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, esta sim, são novas”.

As Habilidades Sociais são atribuídas a comportamentos presentes no dia a dia, seja para reproduzir assertividades, como apresentar mais empatia, entendimento sobre as condições de classe, respeitar as colocações e necessidades do outro indivíduo, ou na passividade, em reprimir sentimentos, posicionamentos, para não questionar ou criar conflitos em ambientes sociais. Nessa perspectiva, o comportamento será guardado, para que exposto não possa diminuir as ações ou falas do convívio social. No que diz respeito aos atos agressivos, estes são gerados pelo simples intuito de machucar, menosprezar e estabelecer as próprias vontades, ridicularizando pessoas sem menor ressentimento. Essas ferramentas de comportamentos são desenvolvidas e aprimoradas em diferentes contextos.

O artigo tem como objetivo promover uma reflexão sobre a relevância de um trabalho voltado para as Habilidades Sociais dos alunos inseridos no contexto escolar no caso em Suzano-SP. De forma mais específica, iremos falar e definir as Habilidades Sociais e alguns dos seus tipos, além de refletir sobre o aumento de casos de violência no contexto escolar, fazendo uma discussão em relação ao caso de Suzano-SP, promovendo, assim, uma reflexão da relevância das HS no contexto escolar, e se um projeto como esse poderia ter influenciado no desfecho final do caso.

A metodologia foi desenvolvida com base em pesquisas bibliográficas, alcançando os resultados por meio de pesquisas, em caráter qualitativa analítica, e um estudo de caso voltado para o acontecimento de Suzano-SP, em 13 de março de 2019. Nesse contexto, dialogamos com os autores Portella (2011), Del Prette e Del Prette (2003 e 2005) e uma variedade de teóricos que atribuíram conceitos na construção deste trabalho.

O presente interesse na pesquisa surgiu a partir de uma conversa em sala de aula com a professora orientadora a respeito da tragédia em Suzano-SP acontecida este ano, o que despertou o interesse pelo tema e, aliada a isso, a observação dos últimos acontecimentos e estudos mais reflexíveis do comportamento agressivo frequente em nosso país. Com efeito, ficamos pensando em como seria possível lidar, compreender e prevenir situações de comportamentos violentos.

Pelo tema estar presente no contexto escolar e apresentar uma diversidade de culturas, sentimentos, representatividades e possíveis conflitos violentos, faz com que os alunos encontrem dificuldades em estabelecer uma interação saudável com certos grupos, criando um afastamento e não um fortalecimento dessas Habilidades Sociais.

A relevância deste TCC é para Pedagogos e formadores com o objetivo de educar, oferecendo a esta área recurso e material que reconheça e trabalhe a relevância dessas Habilidades Sociais no contexto atual. Percebemos que o mundo está em constante transformação e diversidades, a cada dia, mês e ano surgem novidades consideradas tentadoras aos olhos e, com isso, jovens vivem uma era tecnológica na qual o mundo virtual possibilita uma infinidade de comunidades, contudo conectados nas redes sociais, isolados e violentos socialmente.

A escola de Suzano²-SP vivenciou a realidade em que possíveis comportamentos e antecedentes são causadores de situações de difícil manejo e forte agressividade. Estas instabilidades acarretam dor, sofrimento e consequências inesperadas, que são geradoras de violência na comunidade escolar.

Esse caso é mais um dos vários que são noticiados, nos quais jovens com propósitos e motivação inaceitáveis, acumulam algum tipo de ressentimento gerado na comunidade escolar, sendo, geralmente, a violência a principal ferramenta desse comportamento. Diante dessa realidade, ficamos nos perguntando se a falta de profissionais capacitados para trabalhar a temática nas escolas seria uma das hipóteses do porquê isso vem acontecendo. Pois, não é só formar uma definição de Habilidades, mas construir e reconhecer essa

² Caso Suzano, assim ficou conhecido o massacre na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, SP. Atiradores que eram ex-alunos entram na escola armados na hora do recreio, praticando o atentado e deixando o total de dez mortos, onze feridos e inúmeras vítimas emocionais que trabalhavam e estudavam no local. Ocorrido no dia 13 de Março de 2019.

relação de interação equilibrada entre grupos na comunidade escolar, trabalhando potenciais motivos de possíveis traumas, estimulando desejos e investigando comportamentos reprimidos.

A problemática que norteou a pesquisa é a necessidade urgente de desenvolver uma solução para o Bullying e os vários tipos de violências nas escolas. O contexto escolar apresenta jovens com problemas emocionais e com falta de confiança em si mesmos. As crianças e os jovens, muitas vezes, são vítimas de ataques constantes, traumas adquiridos e são silenciados por medo.

O presente trabalho se desenvolveu em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos uma introdução com as informações sobre o tema, objetivos, hipótese, problemáticas, justificativa, relevância da pesquisa e referenciando o caso de Suzano-SP. No segundo capítulo, contemplamos uma definição sobre as Habilidades Sociais, seus tipos e sobre o comportamento da Assertividade, Passivo e Agressividade, baseada nos autores Mônica Portella (2011), Del Prette e Del Prette, (2005 e 2003). No terceiro capítulo, abordamos os diversos tipos de violência nas escolas e a estruturação familiar atual, discorrendo sobre o Bullying e suas consequências, discutindo três realidades constantes nos contextos de qualquer indivíduo. No quarto capítulo, discutimos o caso de Suzano em SP, com relatos adquiridos na pesquisa desenvolver empatia a Escola Raul Brasil, fazendo uma reflexão sobre a relevância de um trabalho voltado para as Habilidades Sociais e as vivências no atual contexto escolar. Na quinta e última sessão, traremos as considerações finais acerca dessa pesquisa, consideramos de suma importância formar um pensamento reflexivo, como somos influenciados, cobrados, e a relevância de trabalhar temas que envolvam tanto a família quanto a escola, para que, dessa forma, estimule adaptações das Habilidades ou novos comportamentos.

2. COMO DEFINIR AS HABILIDADES SOCIAIS E OS COMPORTAMENTOS ASSERTIVOS, PASSIVOS E AGRESSIVOS NO CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL

A sociedade se modifica muito rápido e situações diversas colocam em pauta certas concepções em relação à convivência. As Habilidades Sociais, conforme definimos na introdução, são relacionadas a esses comportamentos, desempenhos e tratamento interpessoal entre indivíduos e grupos sociais.

Essas habilidades se desenvolvem em ambientes onde o principal objetivo é a aceitação de outros grupos com antecedentes que possuem situações, comportamentos e causas reais.

Alguns indivíduos chegam a reprimir seus comportamentos para não serem julgados, intimidados ou ridicularizados, por vezes o ápice da jornada escolar é se camuflar das diferentes opiniões e opressões. Uma pesquisa realizada pelo jornal Britânico Sunday Times no ano de 2015, mostra um receio em falar em público de 41% dos 3 mil entrevistados no Reino Unido, sendo o maior medo enfrentado por eles o julgamento. Nesse caso, o que mais chama a atenção é o fato de 19% atribuírem maior medo às doenças ou à morte. Os britânicos possuem mais dificuldades ou desconfortos para se estressarem e lidarem com determinados públicos mais do que a doenças e a própria morte é algo impressionante. Contudo, essa é a realidade de muitos países que não desenvolvem esse autoconhecimento.

Esse tipo de comportamento se dá com o objetivo de fortalecer os vínculos formados na infância em contato direto com a família, grupos sociais, e culturalmente estabelecidos e impostos no início da vida social.

O termo habilidades sócias, geralmente utilizado no plural, aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 31).

Ocorrem certos desencontros e possíveis déficits de tratamento em relação às Habilidades Sociais, seja por se tratar de vivências, experiências e até mesmo pensamentos diferentes, culturalmente adquiridos. Os contextos modulam sua aprendizagem, principalmente no contato social de pessoa para pessoa e ações como essas podem comprometer a médio e a longo prazo uma relação.

Conforme DEL PRETTE e DEL PRETTE (2005) ressalta, o desenvolvimento dessas Habilidades podem acrescentar na interação, pois:

A competência social é a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demanda da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 33).

São algumas das Habilidades Sociais que todos reconhecem e poucos transmitem adequadamente: a comunicação, a civilidade, o enfrentamento, o trabalho e a positividade.

Na comunicação: Essa Habilidade Social se baseia em elemento básico ao estabelecer uma conversa, que envolve uma relação de troca, um diálogo com retorno de feedback e conteúdo, estimulando a capacidade de dar, receber e elogiar possíveis comunicações existentes.

A civilidade: Uma Habilidade de interação, visto que os estímulos e comportamentos são considerados mais educados. Nesse cenário, São cidadãos que obtém um conjunto de formalidades para demonstrar respeito, consideração e civilidade ao estabelecer cumprimentos em ambientes sociais, comportamentos essenciais de convivência.

O enfrentamento: O posicionamento é o comportamento dessa Habilidade Social em que possíveis confrontos estão propícios por se tratar da convivência de diferentes opiniões e saber lidar com as divergências que possam surgir, além de saber pedir desculpas quando necessário, manifestar suas concordâncias e desagradados de forma respeitosa.

No trabalho: Se atribui uma habilidade mais específica, cabendo mediar possíveis conflitos, possuir maturidade e ter habilidade de falar em público, estar capacitado para tomar decisões e resolver conflitos de interesse interpessoais. Dentro dessa habilidade, há responsabilidade de formar grupos com diferentes pensamentos e comportamentos, estimulando o trabalho coletivo e deixando o individualismo.

Na positividade: Pode ser classificada como uma das Habilidades mais essenciais no mundo. É semear e cultivar sentimentos por mais simples que sejam, como amizade, solidariedade, oferecer carinho e dar amor sem segundas intenções, além da reciprocidade de fazer o bem.

A importância desses comportamentos é o fortalecimento das interações construtivas do seu eu e a ausência dessas habilidades pode resultar em problemas e possíveis transtornos emocionais. Essas Habilidades Sociais possibilitam ferramentas com a capacidade de conscientizar esses comportamentos.

[...] indicativo de uma habilidade social, dependem de fatores da situação, da pessoa e da cultura. Esses fatores podem influenciar tanto a topografia (forma) como a funcionalidade [SIC] (efetividade) do desempenho social e, ainda, a decisão pelo [SIC] enfrentamento ou pela fuga/esquiva da situação interpessoal. (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2005, p. 31).

Os antecedentes e resultados obtidos dos comportamentos são essenciais para determinar se está adequadamente certo ou errado nos conflitos presenciados.

Possíveis conflitos pessoais refletem negativamente e são causadores de um mau desempenho do comportamento em relação a outras pessoas e o autoconhecimento, ou seja, da aceitação da própria autoimagem ou padrões que são estabelecidos e tidos com referências a certos grupos, interferindo na formação e influenciando em futuras escolhas com consequências no desempenho social.

2.1 Tipos de comportamentos

Os comportamentos podem ser assertivos, passivos e agressivos, e são frequentes nos ambientes e contextos sociais e escolares, seja no processo da aprendizagem com padrões já estabelecidos durante o nascimento ou considerando os antecedentes no desenvolvimento futuro.

Assertividade refere-se à expressão direta, honesta e adequada de sentimentos acompanhada dos comportamentos correspondentes. O comportamento assertivo é ativo, transparente, e é focado na solução, não no problema. Ele não ameaça, humilha, nem viola o direito dos outros. Além disso, gera uma sensação de bem-estar e dever cumprido, embora não assegure nenhum ganho (CABALLO, 2008 apud PORTELLA, 2011, p.34).

O comportamento assertivo envolve uma afirmação, uma defesa do próprio direito que envolve sentimentos e crenças, sem menosprezar as ideias dos outros. Nesse sentido, retrata a igualdade de direitos e deveres.

Comportar-se assertivamente nem sempre é fácil e muitas vezes precisamos de treinamento principalmente se estivermos envolvidos emocionalmente. É relativamente fácil agir assertivamente com pessoas que não conhecemos e que provavelmente não iremos mais travar relações. Mas, se a pessoa em questão é do nosso círculo de relação e mais ainda quando é íntima, fica mais difícil comportar-se assertivamente (PORTELLA, 2011, p. 36).

O assertivo expressa sentimentos negativos, como raiva ou desagrado, sem afetar ou repassar ideais individualistas. Quando se encontra no contexto escolar, esse comportamento será testado ao máximo, à assertividade em procurar estabelecer as suas próprias convicções.

Conviver com crianças que não adquirem um comportamento assertivo tem grande probabilidade de ter dificuldades de expressar opinião própria. PORTELLA (2011) relata a importância desse comportamento e seu desenvolvimento, no qual “[...] a assertividade melhora a qualidade dos relacionamentos, facilitando a resolução de problemas, aumentando o senso de auto eficácia e a autoestima. [...]” (PORTELLA, 2011, p. 37). Como saber se expressar, falar sobre as próprias qualidades, defeitos, muitas vezes concordar e discordar de opiniões, lidar com críticas (situações frequentes na sociedade, mas no contexto escolar é atribuído uma carga emocional maior, seja para agradar grupos ou não, por sentimento de exclusão, resistir a pressões de colegas).

O comportamento passivo mostra um receio em expressar suas próprias necessidades. Os objetivos, nesse caso, são apaziguar e evitar conflitos. A pessoa que se comporta dessa maneira, em geral, não terá suas necessidades atendidas nem compreendidas, pois na comunicação obtém uma ligação indireta e incompleta. De modo geral, deixa a própria opinião de lado para não desagradar os outros, são dóceis e amáveis, porém acabam sendo indiferentes com seus próprios desejos e vontades. Nesse viés, tornam-se submissas na maioria das relações se tratando de comportamentos.

O comportamento assertivo difere do passivo, onde a pessoa viola os próprios direitos por não conseguir expressar honestamente sentimentos, pensamentos e opiniões. A pessoa passiva expressa seus pensamentos e sentimentos de maneira auto derrotista, com falta de confiança (CABALLO, 2008 apud PORTELLA, 2011, p.35).

Outro comportamento frequente no contexto e possível antecedente escolar, o agressivo é criado em ambientes com práticas inadequadas, na infância com a falta de monitoramento e disciplina dos pais, situações reais e vivenciadas em casa. Nesses casos, as crianças obtêm temperamentos e comportamentos inadequados. O agressivo defende seu ponto de vista agredindo e machucando o outro, reproduzindo os comportamentos, a personalidade e as habilidades dos pais, que são vivenciados por eles. A probabilidade dessas crianças desenvolverem problemas comportamentais hostis por falta da presença familiar influencia e reforça desvios nos comportamentos adquiridos na adolescência.

O comportamento violento, que tanto causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. [...] o mundo exterior é reproduzido na escola fazendo com que essas instituições deixem de ser ambiente seguros, [...] (LOPEZ; ARAMIS, 2005, p. 165).

Essa rejeição, que foi gerada na infância e no contexto escolar, é geradora de depressão, fracasso e provavelmente de comportamentos inadequados no futuro, ressaltando a falta de relacionamentos construtivos e a prática do Bullying.

Para o comportamento agressivo, a principal reação das comunidades é rejeitar seus autores por considerar inadequados, possíveis causadores da raiva e impulsividade.

As intrusões agressivas e as discordâncias proveem a oportunidade para se aprender maneiras construtivas de resolver conflitos, comunicação, habilidades de solução de problemas e reparar a interação social; infelizmente, essas mesmas situações podem ser oportunidades para modelar comportamento agressivo e coercitivo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003, p. 71).

No ambiente escolar, a rejeição de colegas é garantida. Diante disso, o agressor não se sente incluso em grupos na realização de atividades, lida com críticas e expressa fracasso escolar. O déficit do contato social e a relação familiar contribuem no desenvolvimento e ausência desse comportamento, influenciando atitudes e violências inimagináveis, como será relatado na sessão seguinte.

3. ESCOLA, FAMÍLIA E VIOLÊNCIA

As Habilidades Sociais se desenvolvem e são estimuladas em diversos ambientes, desencadeando uma capacidade para desenvolver inúmeros comportamentos presentes no dia a dia, tanto no ambiente escolar como no social que são constantes em diferentes temáticas, sejam por interações de diversos grupos ou pessoais. É quando são formadas as experiências e conceitos adquiridos socialmente.

É importante destacar que a violência tem seu processo histórico e se desenvolve em diferentes contextos sociais no cotidiano, sendo uma das preocupações mais estáveis no convívio social. Alguns definem a violência a partir do rompimento, do se impor às ordens e regras, um atentado contra a saúde ou integridade, ausência de respeito e desrespeito ao direito de liberdade da outra pessoa.

A violência física pode ser considerada por atos e comportamentos com trocas de ofensas, com tratamentos arbitrários, maus tratos, causando lesões com e sem explicações para o surgimento dessa violência presente no contexto e iniciadas por motivos fúteis, mas por mostrar sua fonte de intimidação e posicionamento violento aos demais em sala.

A violência psicológica, em muitos casos, tem como objetivo principal a provocação com o intuito de causar angústia e humilhação. Nesse caso, está relacionada diretamente na prática do Bullying, na qual as vítimas desenvolvem isolamento, intimidação e, conseqüentemente, com o emocional perturbado, deixam de realizar atividades do cotidiano por medo ou pânico.

A violência sexual é considerada qualquer ato ou contato sem o consentimento da vítima. O agressor, inúmeros vezes, abusa do poder que exerce sobre determinado indivíduo para obter atos sexuais, obrigando e induzindo a prática dessa violência. Não importa o nível de parentesco, se são membros da família, amigos ou pessoas mais próximas, são acusados e responsáveis pela prática do crime.

A negligência familiar é resultado da omissão de cuidado, carinho e falta do convívio de pessoas próximas consideradas responsáveis e aptas a realizar as necessidades básicas e de sobrevivência. Nesse contexto, o abandono gera conseqüências na saúde, no emocional, na segurança dentro e fora de casa,

entre outras. Os pais são responsáveis por orientar, educar, cuidar e estabelecer limites e não vulnerabilizar a criança.

O contexto escolar convive com diferentes tipos de violências: contra o patrimônio com salas, ambientes com péssimas qualidades e vandalismo aos prédios públicos; a doméstica que é praticada em casa com pessoas ligadas diretamente ao convívio; a física com ataques, agressões, hostilidades e intrigas sociais.

As vivências e oportunidades geradas nas escolas, em muitos casos, são opostas ao social ou diretamente ligadas, seja pelos grupos com realidades e ambientes diferenciados, personalidades, valores e costumes. Tudo isso pode ser encontrado nas ruas ou até mesmo na escola em que muitos são jovens buscando na oportunidade oferecida uma chance de serem reconhecidos e não taxados socialmente.

A violência está presente no contexto escolar. A realidade de professor(a) que convive diariamente e sofre ataques verbais e físicos é real. CHARLOT (2002) afirma que “[...] a escola não se apresenta mais como um lugar protegido, até mesmo sagrado, mas como um espaço aberto as agressões vindas de fora” (CHARLOT, 2002, p. 433). O autor explica a relação do saber, que o sujeito constrói e aprende conhecimento em diferentes contextos, como na sociedade, na família e na escola. É a partir da prática e experiências pessoais, que muitas vezes se apropriam de objetos, conteúdos e pensamentos inapropriado.

Os limites da sala de aula estão ultrapassando os espaços sociais, não há empatia em reconhecer e se colocar à disposição do outro, pois comportamentos como estes se tornam raros, não por falta de vontade, mas por medo de estabelecer seu ponto de vista em posições contrárias.

Outro tipo de violência que permanece e é alimentada no ambiente escolar é a rotulação, caracterizada como a limitação dos alunos a seguirem padrões que a sociedade os impôs, menosprezando sua capacidade de pensar, desestimulando seus sonhos e criando uma omissão das oportunidades e direitos.

O lamentável é que a escola pode também ser um mecanismo de exclusão, dando a alguns o acesso aos mecanismos de poder (direito, língua, história, ciência etc.) e negligenciando a outros. A escola pode sociabilizar com ênfase no respeito à diferença, mas pode também uniformizar (uniformes, provas únicas, currículo único, a mesma maneira de ensinar para todos) (ESTEVES, 2015 apud ANDRADE, 2009, p. 23).

Muitos são o número de jovens que não conseguem enxergar um futuro nos estudos, atribuindo ao seu contexto social a principal problemática (por que frequentar a escola se não tenho as mesmas oportunidades, prefiro trabalhar e manter minha família, não vou chegar ao Ensino Médio mesmo). Aos que continuam e permanecem, enxergam nos estudos a possibilidade de um futuro melhor.

As inúmeras histórias de insultos, violência física e psicológica nas escolas são antigas, todavia novos fenômenos surgiram e comportamentos mais agressivos ganharam inúmeras formas expressos nas hostilidades, agressões e ataques, com o intuito de menosprezar. O uso da força como fonte de intimidação e dominação vem dificultando a relação dos alunos/alunos e alunos/professor(a). Os mais vulneráveis são crianças ou jovens que por algum empecilho não conseguiram aprimorar suas Habilidades, deixando de

desenvolver a capacidade de resolver conflitos, sendo a falta desse comportamento, que é geralmente atribuído a jovens tímidos e indefesos, os quais, para os praticantes de Bullying, são alvos considerados fáceis.

Um comportamento visível, o Bullying, é praticado com o intuito de agredir, humilhar e intimidar pessoas sempre por meio de atos repetitivos. Geralmente, as vítimas não conseguem entender o motivo da violência que muitas vezes é gratuita, se tornando um dos maiores problemas da Educação, saindo do ambiente escolar e ganhando praticantes no meio social e virtual.

Essa violência sistemática acarreta consequências desastrosas e está constantemente presente no convívio escolar, tornando-se uma das principais causas do isolamento social. O constrangimento adquirido em sala de aula é uma ferramenta que, somada às atitudes e aos julgamentos, influencia na construção e na realização das Habilidades Sociais.

Buscamos refletir como trabalhar temas que retratem a realidade dos contextos sociais e escolares, que visibilizem essa construção no dia a dia com diferentes indivíduos e possíveis antecedentes causadores dos déficits na comunicação, na violência social, aprimorando novos comportamentos.

Mais uma vez podemos nos remeter às práticas de bullying. Podemos considerar que os agressores de bullying são estudantes superficiais, que apresentam dificuldade em reconhecer e aceitar as diferenças de suas vítimas, muito provavelmente porque não conseguem pensar de modo reflexivo (ESTEVES, 2015, p.17).

O ambiente escolar está propício a essa realidade e várias outras pressões podem ser vivenciadas em diferentes níveis ou faixa etárias, seja a criança que frequenta o primário ou o jovem do Ensino Médio. Aos que não recorrem aos tratamentos psicológicos para amenizar os traumas adquiridos convivem em silêncio com seu distúrbio, depressão, ansiedade e irritabilidades.

A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o bullying como a vitimização tem consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores (LOPEZ; ARAMIS, 2005, p. 165).

A escola é tradicionalmente vista e responsabilizada por desenvolver uma educação total e com isso foi atribuída a ela reconhecer os diferentes conceitos e valores com a responsabilidade de formar indivíduos adaptados e qualificados para realizar e resolver qualquer conceito já pré-estabelecido na sua vivência com determinado grupo, delimitando e restringindo a formação de futuros comportamentos em relação às Habilidades Sociais.

A escola representava, mesmo que figurativamente, um teste para aprovar certos comportamentos realizados e compartilhados no ambiente escolar, o indivíduo tinha que aprender a comportar-se, a respeitar, a falar adequadamente, formando, assim, um cidadão completo, apto a conviver socialmente com qualquer grupo social e aos ideais capitalistas de um homem completo.

A influência familiar no aprendizado dessas Habilidades é contínua, sendo a principal formadora desse comportamento. No entanto, alguns pontos devem ser levados em conta, como as diferentes realidades sociais que são visíveis em determinados locais e grupos. Na escola, se compartilha ideais do dia a dia, se constroem conceitos e desenvolvem-se habilidades, mesmo assim, sem

conhecer a realidade do outro, que muitas vezes é desconhecida pela escola e amigos.

O histórico de desigualdade interfere no ensino, pois como comparar crianças e jovens que vivem em realidades totalmente opostas das de seus colegas? Como é possível associar e cobrar um conceito de Habilidades Sociais igualitárias se muitos nunca tiveram a oportunidade de desenvolver seu papel como cidadão?

Uma família que está presente e é participativa em reuniões e atividades, formando uma comunicação ativa, na qual se estabelece uma cumplicidade, uma troca de responsabilidade e compreensão, caminhando juntos e abrindo caminhos onde a escola não consegue transformar provoca “[...] uma parceria entre família e escola na investigação e combate destes problemas influenciam na socialização com diferentes grupos sociais” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 58).

Muitas famílias encontram-se em diferentes contextos, sendo a desestruturação familiar uma realidade presente nos dias atuais. São mães que criam filhos sozinhos, jovens que por diferentes circunstâncias são criados pelos avós, uma vez que a ausência paterna\materna é frequente. Além disso, há a realidade de quem convive diariamente com as drogas, com a violência familiar, tanto física, como moral e psicológica, e moradores de zonas consideradas propícias à formação de delinquentes\drogados.

A vulnerabilidade da família é reproduzida no contexto social, é questionada no ambiente escolar, que constantemente é vinculado e noticiado em diferentes meios de comunicação e compartilhamento, como palco de massacres, local para expressão de sentimentos diversos, ressentimentos e relacionado a tragédias e ataques com altos níveis de agressividade.

Outros países, principalmente EUA, presenciam a triste realidade da violência em instituições de ensino. Isso é visível no aumento das taxas de atentados que visam um reconhecimento entre os pares e admiradores, estimulando uma personificação e uma perspectiva para as cultura e raça determinantes.

Suzano/SP não é um fenômeno novo, são atos pensados e orquestrados em comunidades, que ganham diversos apoiadores em sites, bate-papos e comunidades virtuais. Possivelmente, se trata de jovens que construíram em si uma concepção totalmente distorcida do significado de justiça e heroísmo. Diante desses fatos, não importa o país ou as cidades, as pessoas são influenciadas e os meios virtuais possibilitam ferramentas com capacidade global e vítimas fatais.

4. SUZANO: UM OLHAR VIA PUBLICAÇÕES

Em apoio e respeito às vítimas e seus familiares, não serão divulgados os nomes dos autores (que eram ex-alunos do Colégio). Algumas mídias nacionais e internacionais vêm adquirindo esse hábito de não divulgar em noticiários os nomes dos mentores relacionados aos ataques. O intuito é retirar a notoriedade do massacre (Suzano) para não influenciar outras tragédias, encorajar pessoas com intuítos, motivações e ideias parecidas, como a raiva, Bullying ou pelo status midiático que alimentam as redes sociais. Os antecedentes do Bullying, violência

ou diferentes formas de reprimir sentimentos, não justificam a realização de massacre ou qualquer tipo de violência e comportamentos agressivos em relação aos colegas e professores.

Ataques como o que presenciou a Escola Estadual Raul Brasil (nome esse sendo homenagem a um ex-diretor), que está localizada na grande metrópole da cidade de São Paulo, no município de Suzano, ganhou as manchetes no dia 13 de Março de 2019, não por ser referência na Educação ou por mérito em desenvolver projetos que mobilizassem o estado, mas por ser palco e referência por mais um massacre no país, mais um espaço manchado e corrompido pela violência que teve como autores do fatídico episódio ex-alunos do Colégio.

Com a capacidade acima de 1.000 estudantes matriculados na Instituição, segundo os dados do Censo³ Escolar de 2018, contabilizando entre o Ensino Fundamental Anos Finais e o Ensino Médio, o local tem proximidades as principais vias de locomoção, como estação de trem e ônibus, meios estes que facilitam a movimentação e a referência para pessoas de bairros e municípios vizinhos à escola.

A Unidade Escolar nasceu junto com o desenvolvimento e emancipação do município de Suzano-SP, abrindo caminhos e se destacando na educação pública por oferecer possibilidades aos seus alunos. No entanto, a história ganhou novos capítulos com o passar dos anos e, assim, a realidade do colégio e a violência se desenvolveram, mudando nome, criando monstros e rotulando muitas pessoas.

Raul Brasil teve sua história publicada e direcionada aos diferentes grupos sociais no dia 13 de março de 2019 atingindo pessoas que nunca ouviram falar na instituição, mas que ao saber da notícia se solidarizaram com o ocorrido e os envolvidos. As várias manchetes publicadas com relatos dos momentos presenciados pelos alunos foram expostas em diferentes mídias, onde inúmeros sentimentos foram inspirados. Alguns comportamentos transbordavam de empatia, civilidade, uma solidariedade com o intuito de passar apoio, um abraço, uma oração, a fim de transmitir respeito e conforto as famílias e vítimas, embora comportamentos como raiva, hostilidade e agressividade também tenham sido compartilhados nos meios sociais e virtuais.

Era uma manhã de quarta-feira. Tudo se encaminhava normalmente, tendo em vista que não havia sinal de desentendimento. Alunos, professor(a) e os funcionários em geral concluíam seus afazeres, pois a hora do intervalo se aproximava. Com isso, os alunos deixariam as salas de aulas para um momento de lazer: lanche e bater papo enquanto esperavam. As primeiras aulas da manhã foram concluídas, os alunos estavam liberados para sair das salas e se distribuir nas filas, mesas e cadeiras para comer. Nesse contexto, os colegas estavam em suas rodinhas de conversas e descontrações, os professores e alunos nos corredores, as cozinheiras servindo as merendas, tudo caminhava perfeitamente bem.

Contudo, o bairro Parque Suzano antes do início do intervalo e na proximidade da instituição Raul Brasil já tinha sua primeira vítima (que também era tio do menor envolvido no ataque). O fatídico episódio ganha enredo, dois ex-alunos do Colégio Raul Brasil iniciaram o pior ataque vivenciado pelo município. Por volta das 09h30min da manhã, adentraram a escola, sem motivos aparentes, nenhum comunicado, com armas e mascarados, o objetivo principal

³ Disponível em: < <https://www.qedu.org.br/escola/185202-raul-brasil-professor/censo-escolar> >

da invasão era este: realizar o massacre que vinha sendo planejado há quase um ano. Determinados a cumprir o plano e vitimar o máximo de pessoas, não desenvolveram um padrão para estabelecer suas vítimas.

Em meio às reportagens e textos compartilhados em diferentes redes sociais, Suzano conhecia suas vítimas fatais e as centenas de jovens que em questão de minutos presenciaram cenas e momentos de terror. Os relatos de quem vivenciou a tragédia ao lado dos amigos, jovens com instinto de proteção e solidariedade em não deixar os colegas sozinhos, a professora que reuniu seus alunos e juntos formaram barricadas de proteção na porta, a cozinheira que não pensou duas vezes em abrir as portas da cozinha escondendo o máximo de alunos que permaneciam no pátio esperando seu lanche.

É inexplicável como os seres humanos são capazes de comportamentos, instintos de sobrevivência, atos de proteção que não estão acostumados no dia a dia, que são desenvolvidos em momentos de confrontos, tragédias, situações que mexam ao extremo no seu envolvimento emocional. Nessa linha de sentimento, cumplicidade e empatia de permanecerem juntos no massacre em Suzano, dois comportamentos despertaram um olhar especial com relatos emocionantes, são eles: o de duas amigas que não se largaram em nenhum momento, mesmo tendo a oportunidade; e o da cozinheira do colégio que, com extrema agilidade e coragem, ajudou dezenas de jovens que permaneciam no pátio. A cozinheira da Escola Raul Brasil relata: “Nós abrimos a porta da cozinha, colocamos o maior número de crianças que a gente conseguiu colocar pra dentro, e ali ficamos encolhidos até a polícia vim e tirar nós de lá” (YOUTUBE, 2019).

Outra ação⁴ que ultrapassa o conhecimento empírico em relação às Habilidades Sociais de convivência e empatia é a união de duas amigas que emocionaram o Brasil ao relatar seus momentos de preocupação, mostrando o poder do amor e a história de uma bela amizade:

B: quando eu vi todo mundo correndo na nossa direção e gritando, e umas pessoas chorando eu já percebi a situação, mas minha amiga já tem problema no coração, e aí todo mundo estava ali alguns pulavam muro e eu sabia que ela não ia conseguir pular o muro (...)

L: ela estava segurando na mão para dar força, para todo mundo, segurando e a gente conversando, pra a gente ter calma, e ela estava conversando (...)

B: ele estava mirando na cabeça dos alunos, então os alvos dele também era nossa cabeça. Foi aí que ele atirou e aí passou por mim, está aqui esse machucado, passou por mim, mas era para ela (...)

L: a gente estava a toda hora de mão dada(...)

B: aí na hora dei um grito, L! Porque eu vi ela caindo na minha frente e nisso que eu vi ela caindo eu fui para frente dela e dei a mão para ela e fiquei de frente e falei, parar de fazer isso, ela tem problema no coração, para! Ele olhou para mim e mirou, mas errou e pegou no meu braço, eu não senti nada pensei que ele tinha errado porque eu fechei meus olhos, e continuei brigando com ele, para de fazer isso você vai acertar ela (...)

B: Eu segurei a porta e pedi ajuda pro pessoal eu comecei a falar, gente ajuda a segurar essa porta, mas eles estavam em choque então a gente ficou segurando eu a professora e mais um aluno

B: eu falei me ajuda e ajuda ela (...)

⁴ Reportagem disponível em: <<https://youtu.be/-ezytE7H-7M>>.

L: a gente viu o valor de uma amizade né Eu e a B. a gente tem uma história muito grande se tivesse que morrer a gente ia morrer junto a gente é assim mesmo (...)" (YOUTUBE, 2019).

Os massacres íntimos estão focados em um ambiente no qual o atacante teve, ou imagina ter tido um envolvimento profundamente pessoal. Estes ataques não são aleatórios na escolha do local ou da população alvo. Eles são ataques a um lugar que, segundo o infrator, abriga uma versão de sua identidade, mesmo que ele não esteja lá há muito tempo. No local, o atacante pode ter sido um estudante, um trabalhador ou um cliente (KATZ, 2017, p. 27).

Aparentemente os autores do massacre procuraram alvos que no subconsciente e na convivência ofereceram alguma intimidação ou trauma. Os sentimentos reprimidos e de vingança se transformam em possíveis ataques com a finalidade de mostrar aos antigos agressores quem tem o poder, a dominação e o medo agora. Possivelmente não marcaram pessoas específicas ao executar os ataques, mas sim o ambiente por reativar as relações. Dessa forma, os responsáveis por desvendar e concluir os inquéritos não conseguem associar ou estabelecer uma ligação dos atiradores às vítimas. Kartz (2017) vai identificar alguns padrões considerados comuns nos massacres:

Embora sejam ataques únicos, os massacres íntimos não são surtos espontâneos. Por um lado, exigem preparação no planejamento e coleta de instrumentos de violência. Por outro, o projeto é antecipado como uma exibição. Em alguns casos, os atacantes trazem várias armas, indicando a expectativa de que o drama não seguirá simplesmente um roteiro promulgado, mas uma improvisação. Os atacantes que tentam empreender um massacre íntimo geralmente não cometem o ato como um passo progressivo de uma série de ataques anteriores, individualmente direcionados a pessoas no local do ataque [...] (KATZ, 2017, p.29).

Em relação ao massacre em Suzano, alguns padrões de motivação, violência e representatividade foram reproduzidos de avatares, figuras presentes nos jogos on-line (que tem como principal objetivo armazenar armas com diversas funções, que variam entre pistolas, facas, machados, arco e flechas. A missão só será concluída quando exterminar todos os seus adversários no jogo). Havia semelhanças nas vestimentas e armas visivelmente reproduzidas dos jogos virtuais para o mundo real. Preparados e armados, os ex-alunos adentraram na Instituição Raul Brasil ferindo e vitimando quem estava ao alcance.

Uma história, várias vítimas e dois jovens de famílias distintas que, independentemente do tempo, estão ligadas e vinculadas em uma única história: Suzano. O menor envolvido no ataque é apontado pelas investigações como orquestrador de todo o massacre. Esse menor veio de família de classe baixa, desestruturada e foi criado pelos avós. A mãe é noticiada em reportagens de TV por ter envolvimento com drogas. Semanas antes da realização do atentado, o possível autor do crime perdeu a avó, pessoa essa com quem possuía uma ligação muito forte. O menor estabelecia amizades com caracteres duvidosos, sendo visto como apreciador de jogos on-line (frequentava diariamente as Lan-Houses perto de casa, pontos com fácil acesso à internet). Como presenciado pelas câmeras de segurança e com base nos depoimentos das vítimas, considerado o mais violento e agressivo no ataque.

O jovem maior de idade e cúmplice no atentado morava com a família de classe baixa. Depoimentos de pessoas próximas o descreveram como um menino tranquilo, calmo, estudioso, sempre prestativo, ajudava o pai no trabalho, aparentemente normal e sem levantar suspeitas, que era usuário dos jogos on-line como forma de distração e ocupação do tempo. A família acredita na possibilidade do jovem ter sido influenciado pelo menor, pois relatam não reconhecer as atitudes do filho.

Como explicar a cabeça de um indivíduo que teve seu comportamento, suas emoções e sentimentos reprimidos por anos, sendo expostos e reproduzidos no ambiente social e vitimando tantas pessoas? Os depoimentos do pai e da diretora relatam um comportamento tranquilo, sem atritos, fácil de lidar no dia a dia, que nunca imaginaram conceder uma entrevista sobre o caráter, principalmente os motivos que levaram a atacar seus ex-colegas, pegando familiares, amigos e conhecidos de surpresa.

O depoimento⁵ do pai de um dos atiradores do massacre na Escola Raul Brasil é comovente:

“Eu não aceito o que meu filho fez, não choro pelo meu filho, choro pela vítima, por que aquele, não é meu filho, nos vídeos que eu vi não está meu filho, ele não era assim, é muito educado, trabalhava comigo, trabalhador, não tinha maldade com ninguém, É que ele era moleque quieto, uma mentalidade dos meninos de dezesseis e dezoito anos, É praticamente um mentalidade de uma criança, inocente, infelizmente inocente, porque inclusive [SIC] dormia lá no meu quarto comigo (...) somos vítimas também por que a gente, a gente também tá sentindo o que aconteceu, por que não era um assassino, não era um bandido, não era (...) cuidei dele, tudo que eu podia fazer eu fiz pra ele, praticamente pra mãe era um xodó, era pra mãe, do pai, dos irmãos(...) estudioso ele foi formando até o colegial, era um cara quieto demais, sem conversa é difícil, mas é um cara super quieto, carinhoso falando de coração, não é por que meu filho não, foi um santo. Foi, foi, foi influenciado ne que chama(...)só cochilo, mas dormi, hoje, ontem que eu comi um pouquinho pra comer também tá difícil. Infelizmente eu tenho sentindo com a família que foi, não tem jeito, é esse sentimento que tá no meu peito que não sai (...)É o dobro porque tem dois sentimento, perdi meu filho e perde umas crianças que não merecia aquilo, isso é pior, por isso que eu tô falando aquilo, não era meu filho (...)o que eu falaria pra eles nunca pense de passar o que eu passei porque é muito difícil a gente aceitar o que meu filho fez não chora mais pelo meu filho chora mais pela vítima porque aquele lá não era meu filho então eu peço perdão que Deus perdoa essa família” (YOUTUBE, 2019).

A diretora relata sua convivência com o ex-aluno, conseqüentemente um dos atiradores do massacre na Escola Raul Brasil:

“No primeiro impacto pensei que era uma bomba, e aí na hora eu sai e vi a arma e logo em seguida veio uma aluna e confirmou, tão atirando na escola, deixei ela lá e voltei e fechei a porta, peguei meu celular e me escondi no banheiro, tentei ligar pra polícia não consegui estava tremendo muito (...) Ele entrou em 2016, fez o primeiro ano tranquilamente. 2017 fez o segundo ano tranquilamente, eu chamei os familiares uma vez porque ele estava chegando um pouco atrasado, o único registro no prontuário dele” (YOUTUBE, 2019).

⁵ A entrevista está disponível no Youtube: <<https://youtu.be/bUHZFmXXTzU>>.

É um absurdo, mas, segundo dados adquiridos e publicados pelo site⁶ de notícias, o Brasil está nos rankings dos países que mais agredem professores. A taxa de profissionais que afirmam ter presenciado algum tipo de violência é 84% (segundo dados da pesquisa realizada em 2015 pelo Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo e publicado no site), entre as agressões se encontram: xingamentos, empurrões, palavras com intuito de menosprezar e ridicularizar e atos físicos com variáveis níveis de lesões corporais. Diante dessa realidade, massacres semelhantes ao de Suzano desestabilizam qualquer psicológico. Como, então, voltar a trabalhar depois dos ataques? Uma professora foi clara em sua resposta em entrevista dada ao site sobre sua volta ao trabalho: “Ainda não estou preparada para voltar ao Raul Brasil, como eu vou voltar pra uma escola e passar por aqueles corredores e lembrar daqueles corpos ali” (YOUTUBE, 2019).

Tanto a escola como seus profissionais e frequentadores se encontram vulneráveis a qualquer tipo de violência. Conviver com essa situação tentando corrigi-la é nadar contra a maré em muitos casos. Se na sala de aula não existe um clima de união e segurança, fora desse ambiente as iniciativas de políticas públicas andam em condições de desigualdade e precariedade.

A impunidade em relação às agressões na sala de aula é constata e crescente. Em muitos casos, os agressores são expulsos das escolas, mas posteriormente serão acolhidos por outra instituição como se nada tivesse acontecido. Os profissionais que foram vítimas desses ataques e ameaças têm consequências como estresse pós-traumático, levando-os a não conseguir exercer os seus trabalhos em sala de aula. Além disso, a instabilidade emocional impede que alguns professores retomem as atividades e acabam sendo readaptados para desenvolver outras funções.

Esses comportamentos presentes em sala são extremos, e os frequentadores das aulas são as maiores vítimas, a exemplo dos alunos que buscam a qualquer custo estabelecer uma autoridade sobre os demais. Os alunos que são vítimas e adquirem problemas na escola buscam uma solução mais rápida e, com isso, ocorre seu desligamento da instituição, tendo como principal objetivo acabar com as piadas, as agressões e as humilhações provocadas pelo Bullying, não importando se desenvolveram afinidades com professores e amigos, uma vez que a prioridade é cortar pela raiz o convívio com esses agressores.

4.1 A reflexão

É importante fazer uma reflexão que todo o comportamento que contribua positivamente no desenvolvimento das Habilidades Sociais, em forma de competência é socialmente interessante, interfere na qualidade dos relacionamentos escolares, familiares e sociais. Nessa perspectiva, por que não

⁶ Disponível nos sites: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contra-professores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml>>; <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/08/pesquisa-poe-brasil-em-topo-de-ranking-de-violencia-contra-professores.html?_gl=1*1eyez1e*_ga*YW1wLVJFM1ZXV2hPX3E2MEdMaGxBV0cwc1V1ajllbW1PR2R1SmZuUjFYMWpXdjJFeXNpb25fMTdTQ3JYb3M1WEFLbGI>

estimular as crianças/adolescentes a desenvolverem essa habilidade de forma mais criativa, trazendo para o cotidiano em forma de debates, trabalhos, projetos, brincadeiras e jogos interativos no mundo virtual? Trabalhando com profissionais, escolas que ofereçam projetos, atividades que visibilize as Habilidades do dia a dia, que ao sair do conforto de casa sejam cobrados e praticados.

Para obter sucesso ou aprimoramento é essencial reconhecer alguns tipos dessas Habilidades Sociais presentes no cotidiano. Esses comportamentos estão presentes diariamente e muitos não os reconhecem. Por isso, mostrar dinâmicas que incluam a sua realização e aprimoramento é estimular as emoções. Ademais, na realidade social existem certas divisões (e na escola são normais, determinada muitas vezes por uma afinidade no ambiente escolar) na convivência e envolvimento pessoal, isso é real em vários contextos sociais e na escola não é diferente. Existem pessoas com ideias, herança familiar, diversidade cultural e crenças diferentes que são expostas em sua comunidade e na realidade diária.

É importante não relacionar ausência ou baixo rendimento na aprendizagem apenas às Habilidades Sociais ou a falta de empenho em relação a outros grupos. Os déficits sociais contribuem fortemente para o desenvolvimento dos diferentes contextos, interferindo tanto na comunicação, na omissão e na interação entre os vários grupos. A importância atribuída a escola por muitos anos foi desenvolver as Habilidades Sociais com um propósito, o de formar um cidadão comprometido e apto a realizar as diferentes funções, atividades que solidificassem em seu comprometimento como um cidadão consciente e socialmente operante sobre seus direitos e deveres sociais.

O reconhecimento de suas habilidades está sujeito a erros e acertos, e são atribuídas em vários contextos, seja uma atitude de repassar seu ponto de vista, um comportamento, questionar as desigualdades e cobrar seus direitos, o que dependendo da realidade de pensamentos, questionamentos e status sociais não ofereça credibilidade ou aceitação.

Os adolescentes, quando não encontram sua representatividade em locais públicos, por consequência não se sentem aptos a falar e passam a carregar um sentimento de inferioridade sobre os grupos considerados até então dominantes, formando assim os multigrupos. No ambiente escolar, quando você cria laços mais próximos gera divisões em relação aos outros colegas (assim são criados os grupinhos dos tímidos, dos espertos, dos engraçados, os pobres, os bonitos, os drogados e futuros delinquentes), alimentando uma divisão social sem perceber.

O professor(a) que atua em sala de aula se encontra qualificado ou preparado? As escolas oferecem materiais para realizar atividades com propósitos de reaproximação desses alunos, projetos que estimulem comportamentos e situações reais, levando discussões sobre a realidade e os diferentes pontos de vista em relação ao ambiente social de cada indivíduo, desenvolvendo um debate para ouvir, procurar soluções, apaziguar conflitos vivenciados em diferentes grupos?

Os profissionais e toda a comunidade que fazem parte da gestão e compõem o Conselho Escolar estão aptos a formar ou ajudar no desenvolvimento das atividades propostas reivindicadas como um acordo em reuniões. Precisa-se de tempo para conciliar temas, os contextos e comportamentos desenvolvidos na escola. Essa era tecnológica que

compartilhamos fotos, conteúdos e likes é uma ferramenta primordial que, se usada com responsabilidade e consciência, ajuda na junção e auxilia na metodologia, na rotina e na formação de novos comportamentos.

Os meios virtuais se tornam cada vez mais tóxicos e oferecem uma infinidade de conteúdo, mas saber interagir com essas ferramentas é o grande dilema desses usuários. As redes sociais, em muitos casos, são envolvidas e vinculadas a manchetes e publicações que ganham proporções virais com assuntos polêmicos, seja por propagar comentários preconceituosos sobre cabelo, relacionamento, cor, peso, (falando mal da sua roupa, expondo fotos íntimas, críticas sem se importar com quem está lendo), etc. Essas palavras quando publicadas nas redes sociais têm consequências surreais. Esse alcance é mundial e ganha adeptos que escondidos por perfis fakes não poupam caracteres para menosprezar, humilhar e machucar suas vítimas.

O mundo tecnológico não disponibiliza somente ferramentas com atos negligentes (jogos virtuais sendo referências para ataques físicos e redes sociais onde usuários expõem qualquer tipo de comentário sem levar em conta a liberdade de expressão, além de propagar um padrão de corpo perfeito), haja vista que, se desenvolvido e trabalhado adequadamente, pode promover e estimular a interação social no ambiente escolar. Sabendo da influência do mundo virtual na vida dos adolescentes, por que não utilizar desse mecanismo acessado diariamente para fortalecer uma comunicação mais participativa que possa estabelecer limite, respeito e tolerância dentro e fora das instituições?

A escola tem um papel de aprimorar e formar novas Habilidades sociais, não é vilã e nem responsável pelos comportamentos agressivos, porém, infelizmente, é palco constante das diversas violências presentes no contexto social e escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa e a partir do nosso pensamento reflexivo e de questionamento sobre as Habilidades Sociais, foi possível observar como somos influenciados e cobrados perante os diferentes contextos sociais, seja em como se comporta e interage, pelos posicionamentos ou simplesmente as ações em relação a determinados grupos que, independentemente da afinidade estabelecida, deve-se sempre cumprir fielmente as boas habilidades que serão requisitadas e, assim, seus valores morais colocados à prova.

Pudemos perceber que o desenvolvimento dessas Habilidades se dá por diferentes motivos e realidades e são construídas tanto pela parte cultural, da religião ou da classe social. Uma desigualdade que, em muitos casos, nem transmitem preocupação em acobertar para a sociedade não presenciar. Para tentar mudar esse quadro, alguns decretos e projetos são aprovados no intuito de combater junto às instituições de ensino, de desvalorizar e recriminar qualquer tipo de preconceito ou violência presenciado.

As Habilidades Sociais estão ligadas diretamente a determinados comportamentos que são construídos e adquiridos primeiramente no ambiente familiar, como em casa, na comunidade e nos grupos de convívio. A escola tem um papel importantíssimo nesta construção de valores e no aprimoramento dessas atitudes, um trabalho em conjunto que resultará na consciência de suas ações.

Com efeito, a pesquisa respondeu de forma positiva na apresentação dessa bibliografia, mas, para compreender de forma mais detalhada e classificar a falta de Habilidades, é preciso ampliar e notificar antecedentes que são determinantes no convívio social e escolar: os diferentes tipos de violência presenciados em sala de aula, como o bullying, a desestruturação familiar e o uso da internet sem responsabilidade. Com isso, a hipótese de que jovens por motivos inconsequentes, geralmente por ressentimentos adquiridos, confirmam a importância da realização de uma investigação para reconhecer, solucionar e trabalhar potenciais de possíveis traumas.

Dessa forma, a problemática dessa pesquisa confirma a necessidade de visualizar temas como o Bullying e os diversos tipos de violência que são realidades das escolas. É no contexto escolar que está presente as vítimas e seus opressores. Este ambiente se divide em grupos: com emocionais abalados, jovens ansiosos, vítimas constantes de ataques e ganhando as manchetes/mídias com finais trágicos.

A metodologia utilizada correspondeu às expectativas em relação aos objetivos apresentados no desenvolvimento dessa pesquisa em que se promoveu uma reflexão sobre a relevância das Habilidades Sociais, especificamente definindo-as, apontando os seus tipos e promovendo uma discussão sobre comportamentos violentos presenciados em Suzano e sua influência no contexto escolar.

Consideramos de suma importância à apropriação de conteúdos ligados às Habilidades Sociais e a implantação no ambiente escolar. Torna-se possivelmente visível reconhecer três habilidades de comportamentos, entre essas: a passividade, a assertividade e a agressividade. Não importa o contexto em que está inserido, cada indivíduo é julgado, incriminado e cobrado por suas ações e comportamentos. A partir de então, percebemos uma falta de sensibilidade em relação à exposição de certos comportamentos pelo medo de serem julgados, taxados e ridicularizados por seus posicionamentos. Não por falta de fala ou empoderamento e sim por conviver com pessoas/grupos que menosprezem qualquer ação ou ideias contrárias às suas e se colocam no direito de cobrar aos diferentes indivíduos que apropriem e compartilhem sem nenhum questionamento desses valores.

Sem tomar lado de partidos políticos ou candidatos, mas graças à Eleição do ano de 2018 no Brasil, certamente nossas Habilidades Sociais foram testadas ao extremo. Em muitos casos, não se compactuavam com determinadas falas, questionava-se certas propostas de candidaturas ou posicionamentos contrários às minorias, pois possivelmente seriam hostilizados e taxados pelo simples fato de não corresponderem a esses ideais. Por isso, para evitar constrangimentos e bate-boca, muitos procuraram não se expor, questionar ou relacionar qualquer assunto que envolvesse a política brasileira.

Refletimos também sobre a necessidade de se desenvolver projetos e formular estratégias para como lidar com a raiva, estimulando assim um auto reconhecimento sobre a ação e identificando componentes que avaliem as diferentes reações sobre o sentimento, se encontrado o ponto de referência desta raiva saber controlá-la ainda no início, visto que se trabalhado com supervisão, possivelmente, no futuro, possamos evitar constrangimentos em reação ao comportamento negativo.

Portanto, é válido criar sugestões para trabalhar diversos temas, mas que atendam às diversas realidades, que consigam compartilhar sentimentos

reclusos e abusivos. O mais importante é a conscientização do máximo de jovens das práticas contra as diferentes violências, o preconceito (em relação classe, cor, religião, etc.), as práticas de Bullying e as consequências psicológicas para quem estão sofrendo as humilhações e perseguições.

Podemos afirmar que não haverá uma conscientização se não reconhecermos a relevância de se trabalhar as Habilidades Sociais como ferramenta crucial na formação do caráter, da humanidade, dos comportamentos e ações, fazendo uma reflexão que os indivíduos e suas limitações são diferentes, mas que com profissionais qualificados, as instituições de ensino serão referências de relações ativas e construtivas. Assim, podemos dizer que a educação tem o poder de transformar e enaltecer qualquer indivíduo, não importando a classe social, mas a vontade de se reinventar todos os dias.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Especialistas indicam formas de combate atos de intimidação**. Brasília: abril, 2017. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32777>>. Acesso em: 22 jul. de 2019.

CABALLO, Vicente. **Manual de transtorno de personalidade**. Edição 1ª: Santos, 2008.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abortam essa questão**. Porto Alegre: sociologia, nº 8 jul/dez, 2002, p. 432-443.

DEL PRETTE, Almir. DEL PRETTE, Zilda. **Habilidades sociais, desenvolvimento: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas, SP: Alínea, 2003.

DEL PRETTE, Almir. DEL PRETTE, Zilda. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ESTEVES, Pâmela. Encontro Anual De Anpocs,39; Sociologia da Infância e da Juventude, 36, 2015, TEMA: **Bullying: uma violência que desafia a escola**.

Fantástico Suzano escola Raul Brasil tragédia. 2019. Vídeo (19min,42seg). Publicado pelo canal SportNewsSP. Disponível em: <https://youtu.be/-ezytE7H-7M> - Acesso em: 13 ago. de 2019.

FERREIRA, Sandra. **A violência em sala de aula: uma análise na 1º ano do ensino fundamental da escola municipal professor Dubas**, 2013.

Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm> - Acesso em: 12 jun. de 2019.

JANUÁRIO, Simone. **A construção das Habilidades Sociais e a escola profissional**. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/a-construcao-das-habilidades-sociais-e-a-escolha-profissional/> - Acesso em: 09 jun. de 2019.

KARTZ, Jack. **Uma teoria dos massacres íntimos: passos para explicação causal**. RBSE- revista brasileira de sociologia da emoção. V.16, 2017, p. 24-44.

LOPES, Neto. **Bullying- comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: jornal pediatria, 2005, p. s164-s172.

MARRONE, beatriz. OSHIMA, Flávia. **Violência atinge 42% dos alunos da rede pública**. 2016. <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/03/violencia-atinge-42-dos-alunos-da-rede-publica.html>- Acesso em: 11 set. de 2019.

Massacre em Suzano- escola Raul Brasil em Suzano SP será reaberta. 2019. Vídeo (4min,57seg). Publicado pelo canal Depoimentos reais. Disponível em: <https://youtu.be/D2R63625bA> - Acesso em: 20 ago. de 2019.

Pai do atirador de Suzano chora e não reconhece atitude do filho. 2019. Vídeo (9min.53seg). Publicado pelo canal Hoje em Dia. Disponível em: <https://youtu.be/bUHZFmXXTzU> - Acesso em: 15 ago. de 2019.

PERES, Paula. **Raul Brasil: a escola por trás das manchetes**. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16190/raul-brasil-a-escola-por-tras-das-manchetes> – Acesso em: 19 jun. de 2019.

PORTELLA, Mônica. **Estratégias de THS treinamentos em Habilidades Sociais**. Rio de Janeiro: CPAF, RS, 2001.

Profissão reporte massacre em escolas, Suzano e Columbine. 2019. Vídeo (36min,1seg). Publicado pelo canal Maressa Diva. Disponível em: <https://youtu.be/aLHXj1-ZmPU> - Acesso em: 24 ago. de 2019.

ROSI, Paula. **Você tem medo de falar em público?**, 2017. Disponível em: https://www.gazetaonline.com.br/bem_estar_e_saude/2017/10/voce-tem-medo-de-falar-em-publico-1014103639.html - Acesso em: 09 jun. de 2019.

TENETE, Luiza. FARJARDO, Vanessa. **Brasil é #1 na ranking da violência contra os professores... entenda os dados e o que se sabe sobre o tema**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contr-professores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml> - Acesso em: 11 set. de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me abençoar e renovar minha força e fé diariamente.

A minha mãe Nieres, uma guerreira que faz de tudo para realizar os sonhos dos filhos. Sem você nada disso seria possível, não concluiria esse trabalho, obrigado pela vida.

Aos meus irmãos Vinícius e, em especial, Mikaelen (Mika) que sempre esteve presente, com suas palavras em relação às correções dos meus trabalhos, por me apoiar e ficar feliz com as minhas vitórias e nunca desistir, se cair levanta e persiste.

Ao meu tio Marivaldo (*in memória*), pessoa em especial que tem minha gratidão e saudades, dedico esse trabalho a ele, que sempre me apoiou não importava os obstáculos, que junto com minha mãe superava todos eles. É difícil imaginar a pessoa que mais comemorou minha entrada na faculdade não estar presente neste momento. Sua ausência fará muita falta na realização desse sonho.

Aos demais membros da minha família, tios, tias, primos, primas, aos amigos da vida.

Aos colegas e amigos da UEPB pelos momentos compartilhados, em especial, elas: Edlane (Lany), Joana (Joaninha), Marcela (Mar), Fernanda (Nanda), Patrícia (Paty), pela torcida, apoio, aprendizado, paciência por presenciar minhas alegrias e tristezas. Agradeço a vocês por não me deixarem desistir e me levantar nos momentos mais difíceis. Tenho pessoas incríveis ao meu lado, com muito amor, carinho, respeito, admiração, essa irmandade é especial.

Aos professores que marcaram minha trajetória na UEPB: Alba Lúcia, Raíssa, Aline, Sheila e Estevam. A minha orientadora e professora Rônia Galdino, pela paciência, carinho e respeito. Profissionais esses que contribuíram de forma especial, com muito profissionalismo marcaram minha jornada acadêmica. Professores que ao ministrar suas aulas passavam uma admiração pela profissão que contagiava a sala. Gratidão a vocês.

Aos profissionais que fazem parte do Campus III, a Dona Lúcia e Jéssica, pelo carinho e conversas na hora do intervalo; a Miguel pelas viagens a faculdade todos os dias, por compartilhar momentos, conversas e muitas risadas e por me apresentar os diversos amiguinhos de van.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente passaram na minha vida, positivamente ou não, contribuíram para a realização desse momento. Agradeço a todos e se algum nome fez falta, não demonstrem tristeza, pois tenho guardado no coração.

